



Midiatização e a circulação em torno do incêndio no Museu Nacional no Twitter ¹

The mediatization and the circulation concerning the fire at Museu Nacional on Twitter

Fernanda Cristina Cardoso Guedes²

Resumo: Este artigo pretende discutir a midiatização de uma tragédia patrimonial, tomando como objeto de análise as repercussões ocorridas no Twitter em torno do incêndio no Museu Nacional/UFRJ que, na noite do 2 de setembro de 2018, culminou na perda de cerca de 80% de seu acervo. É apresentado um recorte sobre um conjunto de publicações realizadas no Twitter ainda na noite de 2 de setembro de 2018. Para tal, verifiquei o uso das *hashtags* #museunacional e #incendionomuseunacional a partir do próprio buscador da plataforma e utilizando meu perfil pessoal. O artigo se organiza a partir de discussões sobre mídias sociais, circulação, acontecimento e midiatização, em articulação com os dados apresentados.

Palavras-chave: Midiatização; Circulação; Mídias Sociais; Museu Nacional; Twitter.

Abstract: This article intends to discuss the mediatization of a heritage tragedy, taking as an object of analysis the repercussions that occurred on Twitter around the fire at the Museu Nacional/ UFRJ that, on the night of September 2, 2018, culminated in the loss of about 80% of your collection. A clipping is presented on a set of publications made on Twitter on the night of September 2, 2018. For this, I checked the use of the hashtags #museunacional and #incendionomuseunacional from the platform's search engine and

¹ Trabalho apresentado ao V Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS.

² Mestre e Doutoranda do Programa de pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (PPGCOM/UFF), membro do Núcleo de Estudos em Comunicação de Massa e Consumo (NEMACS/UFF). E-mail: fcguedes@gmail.com.



using my personal profile. The article is organized from discussions on social media, circulation, event and mediatization, in articulation with the data presented.

Keywords: Mediatization; Circulation; Social media; Museu Nacional; Twitter.

Introdução

Braga (2012b, p. 34), no início da década de 2010, nos alertava quanto ao fato de que os processos sociais estariam cada vez mais midiáticos à medida que a questão comunicacional se tornava central e presente na sociedade. Enquanto os avanços tecnológicos propiciavam o acesso a “ações comunicativas midiáticas para largas parcelas da população, dosando e redirecionando a comunicação massiva” (BRAGA, 2012b, p. 34), observou-se a entrada de novos participantes em um cenário antes restrito à chamada indústria cultural. Com isso, seria preciso mirar nossa atenção ao processo social em que as tecnologias são acionadas e passam a ser utilizadas de modo interacional, dando a elas uso e sentido.

Gomes (2016, p. 18) retoma o debate e acrescenta que somos “uma sociedade em processo de mediação”:

A mediação abrange dois movimentos simultâneos e dialéticos. De um lado, ela é fruto e consequência das relações, inter-relações, conexões e interconexões da utilização pela sociedade dos meios e instrumentos comunicacionais, potencializados pela tecnologia digital. De outro, ela significa um novo ambiente social que incide profundamente nessas mesmas relações, inter-relações, conexões e interconexões que constroem a sociedade contemporânea. A sociedade é em mediação. O ser humano é em mediação. Isso, hoje, sublinhe-se, configura um novo modo de ser no mundo (GOMES, 2016, p. 18).

A partir dessas proposições, é possível dizer que, atualmente, com os chamados avanços tecnológicos consolidados (estabelecidos, diga-se de passagem, por seu *status quo* na sociedade, mas compreendendo sua constante mutação e complexificação ao longo do tempo), são os processos e interações que se tornam protagonistas nas reflexões a partir e nesses meios. Considerar essa ponderação como afirmativa traz a



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

campo questões ligadas à interação, representação, expressão, identidades entre outros temas.

Dado que essa reconfiguração dos meios traz dinâmicas próprias de produção e disseminação de conteúdo em que indivíduos antes postos como audiência, se colocam também como produtores, pensar a midiatização perpassa por admitir que “o desenvolvimento das mídias aportou modificações significativas nos modos pelos quais a sociedade interage com a sociedade” (BRAGA, 2016, p. 129). Em que pesem ainda características de interação que possam remeter a lógicas anteriores (BRAGA, 2006, p. 17), mas que admitem estruturas próprias e que estão em constante desenvolvimento aos nossos olhos. Desse modo, conforme aponta Braga (2016, p. 129), é profícuo direcionarmos-nos rumo a estudos sobre “os processos interacionais midiatizados que alimentam uma forte variedade de alternativas de pesquisa e de produção de conhecimentos”.

A partir dessas reflexões e em diálogo com autores como Recuero (2009; 2016), Fausto Neto (2018), Gomes (2022), entre outros, este artigo³ pretende jogar luz sobre a midiatização de uma tragédia patrimonial, tomando como objeto de análise as repercussões ocorridas no Twitter em torno do incêndio que, na noite do 2 de setembro de 2018, culminou na perda de cerca de 80% do acervo⁴ da instituição museológica mais antiga do país e, até então, um dos maiores museus de história natural do mundo, o Museu Nacional/UFRJ.

Ao mesmo tempo em que ocorria o incêndio no Palácio de São Cristóvão, na Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro, centenas de milhares de usuários de plataformas digitais utilizaram esses espaços para manifestar-se sobre o fato notório que as mídias tradicionais transmitiam naquele momento. Em uma teia de relatos, opiniões, imagens e *hashtags*, formou-se um verdadeiro “museu de afetos” (GUEDES e NANTES, 2020),

³ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

⁴ Dados obtidos com a administração do Museu Nacional/UFRJ.



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Miatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

revelando uma intensa e imediata produção de conteúdo que alimentou uma interação nesses espaços por muito tempo ainda após o ocorrido.

Como parte de uma pesquisa mais ampla (uma etnografia digital impetrada durante meu doutorado), que investiga as conversações em torno e a partir do incêndio no Museu Nacional/UFRJ nas mídias sociais, para este artigo farei um recorte sobre um conjunto de publicações realizadas no Twitter ainda na noite de 2 de setembro de 2018. Para tal, irei verificar o uso das *hashtags* #museunacional e #incendionomuseunacional a partir do próprio buscador da plataforma e utilizando meu perfil pessoal. Assim, como direciona Recuero (2009, p. 22), procurarei considerar as mídias sociais espaços em que são exercidas práticas identitárias e onde é possível observar as formas e modos de representação de um *corpus* social.

A estrutura do artigo emerge a partir das questões relativas ao panorama dos estudos de mídiatização como norteadores de uma abordagem sobre como ocorreram as manifestações e conversações no Twitter na noite de 2 de setembro de 2018 sobre o incêndio no Museu Nacional/UFRJ. Somam-se as discussões sobre circulação, acontecimentos e produção de sentidos, sem que se perca de vista o contexto em que ocorrem as publicações observadas. Desse modo, irei caracterizar a plataforma Twitter, bem como o acontecimento em si, em que pese abordar o tema do desastre e o cenário em que se encaixa o Museu Nacional/UFRJ no contexto dos museus no Brasil (GUEDES, 2018). Serão compartilhadas as estratégias metodológicas, bem como o *corpus* apurado, com as publicações sobre o incêndio e, por fim, será realizada uma discussão sobre os dados apresentados, articulada com as reflexões teóricas trazidas. Apesar de considerar relevante, não pretendo abordar as interações entre os usuários do Twitter e a instituição Museu Nacional/UFRJ a partir de seu perfil na plataforma. Considero esta uma discussão que deva ser amplificada em outros trabalhos e que não se esgotaria como parte de um artigo, muito pelo contrário.

Por fim, cabe salientar que, ao longo do trabalho irei realizar um contínuo exercício de afastamento, devido a minha proximidade com o Museu Nacional/UFRJ,



onde atuo há mais de 18 anos⁵ e fui responsável pelo gerenciamento de crise em Comunicação nos dois anos que se seguiram ao incêndio. Uma missão que segundo Velho (2013, p. 84), exige um exercício constante por parte do pesquisador em manter o “estranhamento” em relação ao que está sendo estudado como também a ele mesmo.

1 A midiatização de uma tragédia, metodologia do estudo

Conforme aponta Braga (2012a, p. 35), a observação dos processos interacionais diante das múltiplas interfaces tecnológicas, torna-se bem mais amplo e complexo do que restringir-se ao “objeto ‘meios’ ou ao objeto ‘receptores e suas mediações’, mas os incluem, a ambos, em formações muitíssimo diversificadas e ainda articulados a outras”. Sodré (2016, p. 109), em suas ponderações sobre o tema, considera a midiatização um certo tipo de gramática, que nos conecta a “uma nova instância de orientação da realidade capaz de permear as relações sociais por meio da mídia e constituindo [...] uma forma virtual ou simulativa de vida, a que damos o nome de *bios midiático*”. Essa característica traz em si uma riqueza de possibilidades e de caminhos metodológicos para seus estudos, ao mesmo tempo que desvela também os desafios para as pesquisas que se apliquem sobre essa temática.

O Twitter é reconhecido como uma plataforma de rede social e tem entre suas características principais a possibilidade de criar perfis públicos, conectar-se com outros usuários através da opção “seguir” e por temas de interesse (por exemplo, política, notícias sobre entretenimento, factuais etc.), além do compartilhamento de imagens, vídeos e textos. Em resumo, “o Twitter é uma ferramenta de mídia social, que reflete ali tanto redes sociais, quanto discursos que permeiam a sociedade” (RECUERO e SOARES, 2021, p. 5). Ao refletir sobre esta plataforma ou mesmo sobre outras mídias sociais, é preciso que se parta da premissa de que, ainda que esses espaços sejam possíveis e partilhem de uma mesma tecnologia, nossas pesquisas devem atentar antes

⁵ Adentrei na instituição em 2003, como estagiária de assessoria de imprensa, assumindo a coordenação do setor e, de 2012 a 2020, coordenei o Núcleo de Comunicação e Eventos do Museu Nacional/UFRJ.



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

para as relações que nela serão estabelecidas, ou seja, a partir de que “redes sociais” as conversações nesses espaços acionam as interações entre os sujeitos. Assim, “diferentes relações estabelecidas com objetivos diversos, para enfrentar problemas diferentemente abordados, serão redes diferenciadas”, como aponta Braga (2020, p. 258).

Tão logo a notícia sobre o incêndio no Museu Nacional/UFRJ começou a circular através da imprensa televisiva, rádio, portais de notícias e pelas mídias sociais, observa-se como as plataformas, através de seus usuários, começaram a repercutir o fato, colocando-o em circulação nos meios digitais. De acordo com França (2012, p. 14), esta é uma característica comum a acontecimentos que rompem com a estabilidade do cotidiano, ou seja, gerar falas e expressões discursivas a partir deles, que “transformados em narrativas, (...) passam a existir também como discurso, representação”. Muitas dessas publicações são acompanhadas de imagens captadas da TV, prints de sites de notícias ou mesmo vídeos produzidos por moradores do entorno do parque em que fica localizado o Museu ou por pessoas que foram ao local. Segundo Fausto Neto (2018b, p. 84) “cada vez mais os acontecimentos e outros discursos de várias naturezas se mesclam e circulam nas plataformas da mídiatização”, fazendo com que, ao invés de termos uma homogeneização de narrativas, pelo contrário, que elas possam ser diversificadas, produzindo inúmeras e crescentes “modalidades enunciativas”, como denomina o autor (Figura 1).



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)



Figura 1: *Print* de tela com dois *tweets* sobre o incêndio no Museu Nacional/UFRJ
Screenshot made by the author with two tweets about the fire at the National Museum/UFRJ

Para realizar os recortes dos tweets aqui apresentados, utilizei minha própria conta do Twitter e realizei uma observação participante, com a preocupação de, como aponta HINE (2016, p. 12), não somente analisar o que um texto ou fala poderiam significar, mas o sentido da “mídia como um componente da vida cotidiana em um sentido mais amplo, uma vez que ela é socialmente, culturalmente e tecnologicamente permeada”. Considerando esta premissa, caminhei no intuito de, através da ferramenta “busca avançada”, disponibilizada pela plataforma, delimitar a data da pesquisa (2 de setembro de 2018), bem como os termos, sendo “Museu Nacional” e “incêndio no Museu Nacional”. Devido ao grande número de publicações, fiz uma seleção inicial de 80 tweets, que procurei dividir em algumas características comuns para comentá-las neste trabalho. Nos “prints de tela” que apresento, omiti rostos para não identificar os usuários da plataforma, utilizo abreviaturas para nomeá-los, não disponibilizo os links para que tal identificação não seja possível, além disso, reproduzi os enunciados, para



preservar a linguagem utilizada e as características textuais que possam ser correlatas à plataforma em que se encontram, o Twitter.

Conforme ressalta Braga (2012a, p. 44), a prática social depreende circuitos hoje não mais marcados de acordo com fronteiras entre os campos sociais, pelo contrário, há inúmeros atravessamentos que se apresentam e que se colocam como desafio ao olhar do pesquisador. Espero, então, através da metodologia utilizada, que seja possível apresentar esses circuitos, sem a pretensão de demarcá-los, uma vez que se compreende sua incessante e constante intersecção, mas que possamos observá-los exatamente a partir dessa perspectiva de que são permanentes de cruzamentos e processos autônomos, que não podem ser restritos à perspectiva de um único trabalho de pesquisa.

2 Um museu nacional e os circuitos que se acionam

França (2012, p. 13) destaca como os acontecimentos são responsáveis por elaborar uma espécie de ruptura com a normalidade, uma vez que eles romperiam com o esperado, “desorganizando o presente” de tal maneira, que “suscita sentidos, faz pensar, incita à busca de respostas e alternativas”. Como forma de aprofundar a pesquisa em torno desses chamados eventos críticos e seus impactos na experiência humana, encontrei na literatura em antropologia um ramo de estudos que se dedica aos acontecimentos que se caracterizam como de risco e catástrofes. Especificamente sobre desastres patrimoniais, como o que ocorreu no Museu Nacional/UFRJ, essas investigações revelam uma característica comum a eles, que é desvelar como grupos sociais se vinculam a esses locais através de relações de memória e afeto, podendo revelar pertencimentos e narrativas a partir de um espaço físico. Pereira (2018) aponta a existência de “múltiplas dimensões e perspectivas possíveis de um desastre, que residem nas experiências singulares e nas relações de poder e terrenos de significados” (PEREIRA, 2018, p. 257). Esta reflexão dialoga com o que propõe França como uma das características fundantes de um acontecimento para determinado grupo, ou seja, a afetação em torno de um fato: “uma ocorrência que não nos afeta não se torna um



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

acontecimento no domínio da nossa vida” (FRANÇA, 2012, p. 13). Por esse motivo, antes mesmo de explorarmos os “tweets” que repercutem o incêndio no Museu Nacional/UFRJ, faz-se necessário apresentar (ainda que de forma resumida) o que representava a instituição em um cenário mais amplo do que iremos examinar.

Ao explorarmos o “lugar” do Museu Nacional/UFRJ no imaginário da sociedade brasileira nos deparamos com diversos aspectos de sua própria constituição e as diversas interfaces que assumiu ao longo do tempo. Fundado em 1818 por D. João VI, o Museu surge com o objetivo de, assim como outras instituições criadas naquele período (Jardim Botânico, Banco do Brasil, Biblioteca Nacional etc.), empreender uma espécie de processo civilizatório no então cenário da colônia portuguesa. Nas palavras de Duarte (2019, p. 363 e 364), “o Museu Nacional era, de qualquer modo, um aparelho essencial para a construção de uma imagem nacional, envolvendo o patrimônio natural local no diálogo com as recentes configurações dos Estados-nação modernos”. Inicialmente sediado no Campo de Santana (região central da cidade do Rio de Janeiro), ao instalar-se no paço de São Cristóvão, em 1892, antiga residência oficial da família real portuguesa e, posteriormente, família imperial brasileira, o Museu assume em definitivo sua interface com a história do país e a tarefa de preservar, além de seu patrimônio antropológico e de história natural, toda a estrutura arquitetônica do prédio⁶.

Em dois séculos de existência, o Museu consolidou seu papel no desenvolvimento das ciências no país, tornando-se centro de referência mundial — através de seu numeroso acervo, exposições e pesquisas — nas áreas de Antropologia (social e biológica), Arqueologia, Botânica, Geologia e Zoologia (especialmente nas subáreas de paleontologia, vertebrados, invertebrados e entomologia). Sua localização na Quinta da Boa Vista, zona norte do Rio de Janeiro, fez com que a instituição se firmasse como um centro de recepção de grupos de classes populares (GUEDES, 2018), fato que o distingue em relação a outros museus da cidade, notoriamente caracterizados

⁶ O chamado acervo histórico, que remontaria ao mobiliário e documentação existente no palácio não ficaria sob a guarda do Museu Nacional/UFRJ, mas encontrava-se no Museu Imperial, situado na cidade de Petrópolis.



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

por ter entre a maior parte de seus visitantes, indivíduos de classes médias (VALENTE, 1995). Outro dado relevante é o de tratar-se de um museu de ciências, o que lhe traz um papel, de acordo com Köptche (2003) e Valente (2004) de transmissor de conhecimentos e como complementar à escola, aspecto especialmente acentuado na América Latina, por conta de uma crise no sistema de educação formal. Pesquisas anteriores revelam, nesse sentido, como era a relação do visitante com a instituição, que demonstravam a percepção de que “o Museu guardaria algum tipo de saber que só pode ser encontrado naquele espaço, através da materialização dos objetos” (GUEDES, 2018, p. 151), com múmias e esqueletos de dinossauros que, segundo os visitantes, “só eram vistos em filmes”.

É neste cenário que ocorre o incêndio no Museu Nacional/UFRJ, na noite de 2 de setembro de 2018, colocando em evidência temas como a preservação de patrimônios culturais e científicos, disputas políticas, reações emocionais a uma tragédia e a própria relação da sociedade em geral com a instituição, como veremos a seguir, a partir de *tweets* selecionados da noite do evento-chave explorado por este artigo.

Enquanto esfera pública, as mídias sociais são palco para que os indivíduos construam e compartilhem opinião pública (Recuero, 2016). Em uma sociedade dita midiatizada, vimos a transposição e inclusão de novos papéis no *modus* comunicacional, em que o protagonismo dos processos produtivos também pode ser relacionado ao que antes poderia se considerar o “polo receptivo”. Impactando, desse modo, conforme aponta Weschenfelder (2020, p. 9) “na formação de vínculos, elaborações discursivas e fluxos interacionais que venham a se constituir nas relações empreendidas num determinado contexto comunicacional”. Nos move, então, um olhar sobre esses fenômenos que considerem “a tecnologia como mediadora de relações sociais e de processos identitários, e onde ‘usos coletivos’ se conjugam com ‘usos individualizados’” (BARROS, 2012 p. 3). Essa percepção traz à tona a constatação de como são afetados os modos de circulação nesses espaços, ou seja, percebendo os receptores como agentes ativos e capazes, a partir de suas conexões, contextos e redes sociais produzir



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

enunciados e novos sentidos, onde a circulação, segundo Braga (2012a, p. 38), “passa a ser vista como o espaço do reconhecimento e dos desvios produzidos pela apropriação”.

Como mencionei anteriormente, ao observar as publicações realizadas no Twitter, boa parte delas faz uso de imagens produzidas por veículos de imprensa ou que circularam na plataforma e foram feitas por agentes anônimos. A partir dessas imagens, os usuários relatam experiências, impressões e até mesmo julgamentos sobre o fato que ocorria, naquele momento, ao vivo. Retomando, por exemplo, o “lugar” dos museus como guardiões da história e de patrimônio, alguns relatos dão conta da perda irreparável de acervo e memória, relacionados com a própria riqueza do país. É o caso de T. W.: “São mais de 200 anos de história em chamas. O edifício foi residência da família real de 1808-1821, abrigou a família imperial de 1822-1889 e o Museu Nacional a partir de 1892. O Museu Nacional, fundado por Dom João VI em 1808, continha mais de 20 milhões de itens em seu acervo”.

Outros usuários retomavam suas próprias memórias de visitas anteriores ao espaço, como M.L.: “Fui no Museu Nacional em outubro, quando estive no Rio e fiquei encantada por ver de perto coisas que eu via em fotos no meu livro de história”. Enquanto isso, alguns relatam a relação mais próxima que mantinham com a instituição, evidenciando um traço de sentimento e pertencimento ao espaço que estava em chamas naquele momento: “O Museu Nacional era tipo minha segunda casa pq eu ia TANTO nele que pq eu amava aquele lugar, eu parecia uma criança nele. Eu quero fazer antropologia e ali eu tinha uma visão de estudos e dos fósseis humanos mais antigos. Sério tá doendo MT ver o prédio virando cinzas” (perfil de F.V.); “Moro perto da Quinta da Boa Vista, sempre visitei o Museu Nacional, a história vai se apagando no caos do descaso. Um Rio que vai ficando cada vez mais sem identidade” (perfil de F. B.).

Muitas das falas observadas apresentam relato de tristeza e perplexidade diante do incêndio e do possível “apagamento” da instituição: “Luto PROFUNDO pelo Museu Nacional do Rio de Janeiro. Mais um resultado do longo descaso sobre a cultura” (perfil de C. A.); “Eu tô tremendo e lágrimando vendo as notícias sobre o incêndio no Museu



Nacional” (perfil de M.C.); “Nunca algo fora do meu controle me deixou tão angustiada como o #incendionomuseunacional uma tragédia anunciada, mas ainda assim surreal...” (perfil de T. M.; Figura 2).



Figura 2: *Print* de tela feito pela autora, com *tweet* sobre o incêndio no Museu Nacional/UFRJ
Screenshot made by the author, with a tweet about the fire at the National Museum/UFRJ

Já um outro comentário, conforme vimos na Figura 1, combina um discurso de tristeza, “meu deus o museu nacional ta pegando fogo, eu to muito triste mano. é muita história sendo perdida lá” (perfil de B. L.), e o uso da imagem de um meme — nele, uma mulher que usualmente é associada a situações lúdicas e tem diversas de suas reações utilizadas no Twitter e em outras plataformas em contextos de humor e ironia. Neste caso (e o perfil de B. L. não foi o único a utilizar a mesma foto) podemos refletir



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

sobre os diferentes sentidos que podem se associar para significar a mensagem que o usuário acaba por transmitir em seu perfil.

Segundo Fausto Neto (2018b, p. 84), “cada vez mais os acontecimentos e outros discursos de várias naturezas se mesclam e circulam nas plataformas da midiatização”, produzindo diferentes enunciados e, por conseguinte, uma diversidade de produção de significados. Dessa forma, para o autor, “a circulação é concebida como ‘região’ na qual os sentidos não apenas transitam, mas também são tecidos” e, ao transitarem através da circulação, não o fazem

sem interferências ou imunes às diferenças e lógicas dos seus nichos produtivos, bem como da sua dinâmica da circulação. A circulação não é uma zona de recepção e de trânsito dos sentidos, mas locus de engendramentos de macro e micro processos comunicacionais, na medida em que tem também, como referência, as transformações dos fenômenos sociotécnicos (FAUSTO NETO, 2018a, p. 30).

Dando continuidade aos relatos observados no Twitter, destaco os que associam o incêndio com uma má gestão pública sobre bens e patrimônios históricos: “eu ia dormir e me deparei com a notícia de que o museu NACIONAL estava pegando fogo 200 anos de história estavam jogados as traças a e baratas, a última vez que eu fui lá tinha 13 anos, e a situação já não era das melhores, o governo está com as mãos cheias de cinzas”, diz o perfil de I. N.; “Lamentável o pouco caso que os últimos governos tiveram para com nossa história. 200 anos virando cinzas. Muita raiva neste momento”, relatou a usuária do perfil de V. I. (Figura 3).



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

Lamentável o pouco caso que os últimos governos tiveram para com nossa história. 200 anos virando cinzas. Muita raiva neste momento. Museu Nacional #incendionomuseunacional



Figura 3: *Print* de tela feito pela autora, com *tweet* sobre o incêndio no Museu Nacional/UFRJ
Screenshot made by the author, with a tweet about the fire at the National Museum/UFRJ

As reconfigurações que aconteciam no Twitter, em torno do incêndio, demonstram não somente o engendramento tecnológico capaz de transmitir em tempo real, para um número infindável de novas conexões, conteúdos e reinterpretações de um fato, mas também, como as diversas implicações em torno deste acontecimento vão sendo relacionados com as experiências e memórias dos usuários que, discursivamente (seja por texto ou imagem), o apresentam (ou reapresentam) segundo suas próprias perspectivas. Seja, como no exemplo anterior, relacionando a tragédia ao descaso da administração pública, ou mesmo trazendo à tona as disputas políticas que ocorriam à época, como é o caso do perfil de S. S.: “O incêndio do Museu Nacional representa a falência do Rio de Janeiro. Um RJ que tem Crivella como prefeito e tem Garotinho, Romário, Eduardo Paes e Marcia Tiburi concorrendo ao cargo de governador. Ou seja, um estado que já morreu e só esqueceram de enterrar. A História CHORA” (Figura 4).



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)



Figura 4: *Print* de tela feito pela autora, com *tweet* sobre o incêndio no Museu Nacional/UFRJ
Screenshot made by the author, with a tweet about the fire at the National Museum/UFRJ

Como é possível observar, o acontecimento do incêndio no Museu Nacional/UFRJ engendra uma série de relatos, diálogos e apontamentos de usuários do Twitter reforçando uma peculiaridade inata do acontecimento, que é a construção de narrativas em torno dos acontecimentos. “Acontecimentos fazem falar; nós somos animais simbólicos, capazes o tempo todo de duplicar nossa realidade a partir de construções imagéticas e representacionais” (FRANÇA, 2012, p. 14). Considerando que vivamos em uma sociedade midiaticizada, é forçoso dizer que essas manifestações sobre dado acontecimento ocorram em e através das mídias. No entanto, sem que, na atualidade, conforme pontua Braga (2012b), seja possível fazer uma distinção entre “pontos de partida ou de chegada” da informação. Assim, seriam inevitáveis os atravessamentos e intersecções de sentidos, em que se tenha como resultado, interfaces que, como pontua Gomes (2016, p. 16), em menção já trazida no início deste artigo, nos coloca diante de novos modos de ser e estar no mundo, em que os meios “fazem parte da autocompreensão social e individual”. E, como tal, se inserem na experiência cotidiana de comunicação e compreensão dos fatos que nos afetam enquanto grupo, indivíduo e sociedade.



Considerações finais

De acordo com Braga (2006, p. 17), a midiatização da sociedade não nos coloca somente diante de novas formas de disposição e modos de organizar e distribuir mensagens, mas, sobretudo, com os “padrões para ver as coisas, para articular pessoas e mais ainda, relacionar sub universos na sociedade e — por isso mesmo — modos de fazer as coisas através das interações que propiciam”. As interações sociais que, outrora, baseavam-se nas expressões verbais, com a possibilidade do uso de imagens, vídeos e sons, reconfiguram-se em novos sentidos e, agora mais amplas, através da circulação, adquirem, de certo modo, “vida própria” em diferentes mídias.

Ao analisarmos os *tweets* que correspondem a uma parcela das narrativas impetradas em mídias sociais sobre o incêndio no Museu Nacional/UFRJ, foi possível observar como os sujeitos passam a articular discursos próprios sobre o acontecimento, relacionando-o com imagens e vídeos, tomados de sua fonte original. Emergiram, assim, novos contextos de relação com a tragédia, como os de memória, luto, contestação política e angústia, citando alguns dos exemplos trazidos pelo artigo. Essa articulação de afetos, tem relação, para França (2012, p. 14), com o fato de que “a realização do acontecimento na forma do simbólico (o acontecimento como narrativa) traz as marcas do vivido. A experiência do narrador traduz-se na criação simbólica, na construção discursiva”.

Ao citar uma visita anterior ao museu, seu conhecimento sobre o acervo atingido ou, de outro modo, especular os contextos políticos que levaram ao incêndio, os sujeitos complexificam a existência de narrativas outras que “flutuam” a partir do que seria o gatilho do acontecimento. Além de revelar sua relação com a instituição, essas falas dão conta também de apresentar a visão de mundo e o modo de articulação dessas pessoas em mídias sociais. Conforme aponta Fausto Neto (2018, p. 28), por um lado, a internet “se impõe a partir de uma dinâmica que a constitui como uma ‘ambiência’, por outro, guarda com a organização social mais ampla níveis de interações que resultariam em



uma espécie de atividade intersistêmica complexificada”. O exemplo do *tweet* que, ao mesmo tempo, expõe um sentimento de luto e tristeza, articulado a figura de um meme, nos coloca diante de uma diversidade narrativa propiciada não somente pelos meios, mas, principalmente, pelas formas que esses meios são apropriados pelos sujeitos em articulação com as mudanças mais amplas nas práticas sociais.

Observar em mídias sociais como ocorrem esses processos de rearticulação e reinterpretção de fatos e acontecimentos, nos traz a possibilidade de estudos que possam aprofundar o que Braga (2012b, p. 300) chama de mudança no “entorno comunicativo”, considerando que “a cultura, lógicas e operações de mídias se disseminam por todas as práticas sociais, ainda que de modos específicos”. A compreensão de uma sociedade midiaticizada ou em midiaticização, como vimos até aqui, passa por relacionar as lógicas dos meios às transformações perenes de práticas sociais que, atravessadas (e não em oposição ou a partir de) por tecnologias digitais, coloquem como protagonistas o sujeito e suas relações.

Referências

- BARROS, C. Representations of poverty and digital inclusion: Clashes over alterity in the field of technology and the virtual universe. **Journal of Latin American Communication Research**, v. 2, p. 92-114, 2012. Disponível em: <http://journal.pubalaic.org/index.php/jlacr/article/view/23>. Acesso em 8 ago. 2022.
- BRAGA, José Luiz. Mediaticização como processo interacional de referência. **Animus**, v. 5, n. 2, p. 9-35, 2006.
- BRAGA, José Luiz. Interação como contexto da Comunicação. **Matrizes**, v. 6, n. 1, p. 25-41, 2012a.
- BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda. **Mediação & midiaticização**. EDUFBA, 2012. Mediação & Midiaticização. Salvador: EDUFBA, p. 31-52, 2012b.



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Miatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

BRAGA, José Luiz. Perspectivas para um conhecimento comunicacional. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo. **Epistemologia da comunicação no Brasil: trajetórias autorreflexivas**. 2016.

BRAGA, José Luiz. Redes Sociais digitais e sistemas de relações. In: FERREIRA, Jairo et al. **Redes, sociedade e pólis: recortes epistemológicos na miatização**. FACOS-UFSM, 2020.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. O Museu Nacional: ciência e educação numa história institucional brasileira. **Horizontes Antropológicos**, v. 25, p. 359-384, 2019.

FAUSTO NETO, Antônio. Miatização da enfermidade de Lula: sentidos em circulação em torno de um corpo-significante In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda. **Mediação & miatização**. EDUFBA, 2012. Mediação & Miatização. Salvador: EDUFBA, p. 31-52, 2012.

FAUSTO NETO, Antônio. Circulação: trajetórias conceituais. **Rizoma**, v. 6, n. 2, p. 08-40, 2018a.

FAUSTO NETO, Antônio. Mediação, miatização: conceitos entre trajetórias, biografias e geografias Ferreira, Jairo et al. **Entre o que se diz e o que se pensa: onde está a miatização? Onde está a miatização?** (Vol. 1). FACOS-UFSM, p. 63-99, 2018b.

FRANÇA, Vera. O acontecimento e a mídia. **Galáxia**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, n. 24, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/galaxia/article/view/12939>. Acesso em 5 dez. 2022.

GUEDES, Fernanda Cristina Cardoso. **Uma visita ao Museu Nacional. Classes populares e o consumo da cultura expresso em sites de redes sociais**. 176 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2018. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/21489/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20FERNANDA%20GUEDES%20PPGCOM%20UFF%20REVISADA%20FINAL.pdf?sequence=1>. Acesso em: 8 ago. 2022.

GUEDES, Fernanda Cristina Cardoso; NANTES, Joana Darc de. ‘O engajamento em torno de comentários catárticos ou de disputa no Facebook do Museu Nacional/UFRJ’, In: **Anais do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, V. 1, pp. 1-15. São Paulo: Intercom. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-0160-1.pdf>. Acesso em: 23 set. 2022.



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Miatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

GOMES, P. G. Miatização: um conceito, múltiplas vozes. **Revista FAMECOS**, 23(2), ID22253, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2016.2.22253>. Acesso em 5 ago. de 2022.

HINE, Christine. Estratégias para etnografia da internet em estudos de mídia. In: CAMPANELLA, Bruno; BARROS, Carla (org.). **Etnografia e consumo midiáticos: novas tendências e desafios metodológicos**. E- papers, 2016, p. 11-28.

KÖPTCKE, Luciana Sepúlveda. Observar a experiência museal: uma prática dialógica? Reflexões sobre a interferência das práticas avaliativas na percepção da experiência museal e na (re)composição do papel do visitante. **Caderno do Museu da Vida**, Rio de Janeiro, p. 5-21, 2003.

Disponível em: http://www.fiocruz.br/museudavida_novo/media/Cadernos-do-Museu-da-Vida-2003.pdf. Acesso em 11 dez. 2022.

PEREIRA, A. B. N.. Memória do lugar e experiências de resistência no contexto de deslocamento forçado provocado pelo desastre de Mariana/MG. In: **18th IUAES**, 2018, Florianópolis. 18th IUAES - International Union of Anthropological and ethnological Sciences. Florianópolis/SC: Tribo da Ilha, 2018. v. 1. p. 247-259.

POLIVANOV, B. B.. **Dinâmicas identitárias em sites de redes sociais**: estudo com participantes de cenas de música eletrônica no Facebook. 1. ed. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014. v. 1. 238p.

RECUERO, Raquel. Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és: a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na internet. **Revista Famecos**, v. 16, n. 38, p. 118-128, 2009.

RECUERO, Raquel. O twitter como esfera pública: como foram descritos os candidatos durante os debates presidenciais do 2º turno de 2014? 1. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 16, p. 157-180, 2016.

RECUERO, Raquel; SOARES, Felipe Bonow. O discurso desinformativo sobre a Cura da COVID-19 no Twitter: estudo de caso. **E-Compós: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. Brasília, DF. Vol. 24 (2021), p. 1-29, 2021.

SODRÉ, Muniz. Entre a instituição e a organização. In: Ferreira, J., da Rosa, A. P., Neto, A. F., Braga, J. L., Gomes, P. G., Peraya, D., Fausto Neto, A, org. **Entre o que se diz e o que se pensa: onde está a miatização? Onde está a miatização?** (Vol. 1). FACOS-UFSM, 2018.



Anais de Artigos
V Seminário Internacional de Pesquisas
em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

VALENTE, Maria Esther A. **A Educação em museu**: o público de hoje no museu de ontem. 1995, 208f. Dissertação (Mestrado) do Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1995.

VALENTE, Maria Esther. Os Museus de Ciência e Tecnologia: algumas perspectivas no Brasil dos anos 1980. In: XII Encontro Regional de História - Campinas - ANPUH/SP, 2004, Campinas. **Anais do XII Encontro Regional de História - Campinas - ANPUH/SP**. São Paulo: ANPUH/SP, v. 1. p. 1-8, 2004.

VELHO, Gilberto. **Um Antropólogo na Cidade**: Ensaios de Antropologia Urbana. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

WESCHENFELDER, Aline. Estudo de caso midiático: estratégia metodológica em pesquisas no contexto da mídia. **Anais de Artigos do Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais**, v. 1, n. 4, 2020.